

RICUPERO, RUBENS. DIÁRIO DE BORDO: A VIAGEM PRESIDENCIAL DE TANCREDO (SÃO PAULO: IMPRENSA OFICIAL, 2010. 456P)*

Jeferson da Costa Valadares**

A viagem presidencial - de janeiro a fevereiro de 1985 à Europa, à América Latina e aos Estados Unidos - do presidente eleito Tancredo Neves, foi, sem dúvida, na expressão de Celso Lafer, seu "momento presidencial". Viagem que marcou o processo de redemocratização do Brasil, buscando construir uma nova cara à Nova República, saído de duros e sofridos 22 anos de ditadura militar. Tal "momento presidencial", ou "viagem presidencial", como chamou o embaixador Rubens Ricupero em *Diário de Bordo: A Viagem Presidencial de Tancredo*, mostra o desejo que tinha o presidente eleito, ao viajar, de construir uma nova imagem do Brasil no cenário internacional, ou "fugir da possível e inevitável pressão interna, da briga por cargos no poder", que certamente surgiria com a nova configuração nos quadros do governo, com a volta da democracia ao Brasil e a saída dos militares do poder.

O teor de sua viagem, nas palavras do próprio Tancredo, registradas no *Jornal da Tarde* de 31/1/1985 e retomadas por Celso Lafer no artigo "O Legado Diplomático da Viagem Presidencial de Tancredo Neves: Seu Significado para a Política Exterior do Brasil", é o seguinte: "Eu vim testemunhar que o Brasil também chegou à democracia".

Esse testemunho é retomado e "reescrito" pelo embaixador Rubens Ricupero, que participou de perto, isto é, a bordo na viagem presidencial do presidente eleito Tancredo Neves. *Diário de Bordo: A Viagem Presidencial de Tancredo* foi lançado em março de 2010, na comemoração dos 25 anos da Nova República, da volta à democracia no Brasil. Na primorosa edição da Imprensa oficial do Estado de São Paulo, a obra de 456 páginas reúne as anotações de um diário de bordo que acompanha o dia a dia da viagem; fotos históricas de momentos importantes da viagem, que ilustram com precisão o que se quer mostrar; charges da época, ricas em detalhes e expressivas; artigos de personalidades como Celso Lafer, Sérgio Danese, José Serra, Andréa Neves da Cunha; e uma curiosa carta de Tancredo a François Mitterrand, então presidente da França. Ricupero mostra, em seu livro, a imagem de um presidente eleito - que não tomaria posse, vindo a falecer antes - que não descansou nem um minuto em sua viagem - ao contrário, preocupava-se com a comitiva que o acompanhava nas diversas e intensas atividades como presidente eleito. Diz Ricupero que a agenda de Tancredo sempre estava sobrecarregada, e a comitiva (encarregada de sua viagem) insistia com o presidente para que recusasse o esforço adicional. O presidente eleito, quase invariavelmente, ria e punha de lado a objeção com o comentário: "Para descansar, teremos toda a eternidade!".

* Enviado em 24/11/2010 e aceito em 17/6/2011.

** Bacharel em Direito - Universidade Candido Mendes (Niterói); bacharel em Filosofia - Centro Universitário Assunção; membro do Grupo de Pesquisa de Filosofia Medieval e Latina e de Filosofia Medieval em Árabe - Pontifícia Universidade Católica (SP). São Gonçalo, Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: jeffersonvalladares@gmail.com.

Um diário nem sempre é só um diário. Esse, que Ricupero entrega ao leitor brasileiro, é mais que um simples diário de bordo, de anotações românticas, de emoções momentâneas e capricho pessoal, mas é, antes, uma fonte de dados com informações de substância, um arquivo que extrapola a visão pessoal de um escritor de diário. É a memória do Brasil de um período quase esquecido pelos brasileiros que revive sob a perspectiva de um diplomata e cidadão brasileiro; uma obra de história da diplomacia brasileira; um tratado, sem pretensão; um “manual” histórico, quase um guia de política externa; uma agenda viva de assuntos internacionais, que ainda continuam candentes e constantemente são retomados nas discussões atuais. Finalmente, o livro é uma prova de que, quando a política interna não vai bem, a política externa pode salvar, não só a imagem do Brasil, mas projetá-lo no mundo como uma nação aberta e esperançosa, na base do diálogo, da justiça e do direito internacional. É a memória viva de quem, nos “bastidores do poder”, soube testemunhar a tomada do poder pela maioria (definição da democracia, grosso modo); a visão presidencial de Tancredo; sua linha de atuação no cenário internacional; sua visão política e projetos e metas para o Brasil, caso viesse a ser efetivado o seu mandato - isto é, a democracia tão sonhada pelos brasileiros que se iniciou com o seu “momento presidencial”.

O contexto em que a viagem foi planejada - e, por conseguinte, a elaboração do diário - era o da redemocratização, quando Tancredo foi eleito pelo Congresso no dia 15/1/1985. Após as últimas semanas do governo do general Figueiredo, “servi-me de uma agenda [...] de capa vermelha, que me havia sido enviada como brinde nas festas de fim de ano e comecei a escrever, nos hotéis, nos voos longos ou curtos, nas salas de espera de aeroportos” (p. 11). A convite de Francisco Dornelles, Ricupero tornou-se, portanto, o assessor de política internacional do então candidato Tancredo Neves, ainda em 1984, antes do término do regime militar. Definida a viagem, uma nova configuração de comitiva se inaugurava com Tancredo.

Definiu-se, de saída, que apenas um número restrito de pessoas comporia a comitiva, dando já, o tom de governo que tencionava diferenciar-se, pela austeridade e modéstia de meios, dos governos militares, que se tinham desmoralizado pelo tamanho desnecessário das delegações presidenciais e pelos gastos excessivos, inclusive dos acompanhantes cujo consumismo à custa do Tesouro e em desafio aos limites da al-fândega, ocupava as páginas dos jornais. (p. 16)

Há dois aspectos que moveram a viagem presidencial, mencionados por Ricupero: a confiança de Tancredo na ação do Itamaraty e as forças dos acontecimentos históricos no cenário mundial, detalhados dessa forma:

A base de que partíamos [comitiva] era o discurso no qual o próprio Tancredo Neves, candidato à presidência em novembro de 1984, afirmava: “Tenho mesmo dito que, se há um ponto na política brasileira que encontrou um consenso de todas as correntes de pensamento, esse ponto é realmente a política externa levada a efeito pelo Itamaraty”. (p. 28)

[Tais acontecimentos foram] A sua própria eleição, a reeleição de Reagan e a consagração do conteúdo de sua liderança, em 6/11/1984; a coincidência da morte do líder soviético Constantin Tchernenko (10/3/1985) e a nomeação, como secretário-geral do Partido Comunista da ex-URSS, do ainda obscuro Mikhail Gorbatchev, destinado a inaugurar políticas que conduziriam oportunamente ao fim da União Soviética e da Guerra Fria. (p. 31)

Nesse diapasão, portanto, a viagem e o livro vão ganhando corpo e se estruturando, sempre com um exponencial crescimento de dados e fatos importantes, detectados por um agudo observador do espaço internacional. O que dizer portanto, do primeiro país a ser visitado por Tancredo? A Itália! Seu maior interesse foi ir à Roma, ao Vaticano, encontrar-se com o papa. De lambujem, curiosamente viria o encontro com as autoridades italianas. “Foi-se a Roma para ver o papa, como admitiu Tancredo, e os contatos com o governo italiano vieram de lambujem” (p. 37). Esse momento – segundo Ricupero – de certa maneira foi um dos eixos relativos de desencontros, devido aos interesses de ambos os lados, que eram divergentes mas, não só os da Santa Sé, e, sim, os da Europa e dos Estados Unidos. “Com a Santa Sé, mas visando na verdade à Igreja Católica no Brasil, a preocupação predominante era com o papel da igreja nos conflitos sociais, cujo símbolo-síntese naquele momento era a reforma agrária” (p. 34). Na seqüência, explora temas na época bastante discutidos, como a Teologia da Libertação, as Comunidades Eclesiais de Base, o alinhamento de partidos de esquerda a alas mais progressistas da Igreja Católica, entre outros.

Após a Apresentação e Introdução, o livro compõe-se em cinco capítulos, intitulados na seguinte ordem: a) a viagem; b) discursos; c) conferências de imprensa; d) artigos; e e) outros temas. Cada qual com sua característica e expressão no conjunto da obra. Isto é, há um crescimento envolvente pelo qual, sem dúvida, o leitor é levado inevitavelmente a bordo nessa viagem pela história do Brasil, num misto de literatura, memórias, política externa, cultura, memória do jornalismo, viagens, lugares, pessoas, análise de um importante período da história – sem o risco de uma linguagem técnica e conceitual próprias do *métier* em assuntos de política externa. Isso é bem explicado em algumas notas no Capítulo 1, elaboradas por Sérgio Danese, o qual discorre sobre alguns conceitos concernentes à política externa brasileira e importantes para ilustrar questões suscitadas em conversas diplomáticas ou nas entrevistas durante a viagem, como, por exemplo, “terceiro mundo”, “o grupo dos 77”, “o movimento não alinhado”, etc.

A viagem de Tancredo, como já mencionado anteriormente, iniciou-se em Roma, cumprindo pela manhã o programa no Vaticano, em audiência com o papa João Paulo II. Diz-se que a audiência teve uma longa duração. Nada se sabe do que fora conversado entre o pontífice e o presidente eleito, mas especula-se que as desconfianças da Santa Sé em relação à Igreja brasileira e à Teologia da Libertação não estiveram fora de pauta.

Nesse interim, há uma curiosa passagem, quase anedótica, de Tancredo com o velho secretário de Estado, o então cardeal Casaroli, homem miúdo, magro, de ar inteligente, que se expressava num português de palavras escolhidas, quase mesclado ao espanhol.

Casaroli iniciou a conversa com temas referentes à dicotomia fé religiosa vs. reforma social. E o presidente eleito – menciona Ricupero – falou de tema, que imaginara seria do agrado de um cardeal idoso, dos mais poderosos da cúria romana. Disse Tancredo:

Eminência, viemos aqui, minha mulher, minha comitiva, e eu, trazer ao Santo Padre a comovida expressão dos sentimentos mais sinceros do povo brasileiro. Nossa população é muito sofrida e ainda numerosos brasileiros vivem em estado de lamentável pobreza [...] o que sustenta o povo brasileiro é sua profunda religiosidade, sua inabalável fidelidade à Santa Igreja Católica, sua devoção à Nossa Senhora Aparecida [...].

Em seguida, veio a resposta inesperada do velho Casaroli:

[...] Senhor presidente, tenho a certeza de que o Santo Padre terá acolhido com grande alegria esse fervoroso testemunho filial, [...] mas, é preciso nunca esquecer que a fé profunda, a religiosidade são sempre admiráveis, mas não bastam. É necessário igualmente agir para mudar a situação, para melhorar as condições de vida do povo, não só resignar-se. É preciso realizar a reforma agrária e as demais reformas sociais aconselháveis. (p. 81)

À noite, Tancredo encontra-se com o primeiro-ministro Bettino Craxi, visita o presidente do Senado, Francesco Cossiga e aproveita para conhecer os jogadores de futebol brasileiros na Itália. Esse primeiro encontro em Roma foi de 25 a 27 de janeiro. Em seguida, o presidente eleito viaja para Biarritz (França), onde se encontra com François Mitterrand. A visita ocorreu muito bem, sem nenhum problema. De volta a Roma, na madrugada chuvosa, Tancredo encontra-se com os europeus. O assunto da Igreja, a Teologia da Libertação, volta mais uma vez em pauta, e Ricupero relata suas impressões de maneira bem sintética, não isenta de uma cultura religiosa aprofundada. Dessa vez, a comitiva parte para Lisboa, onde se encontra com o primeiro-ministro português Mário Soares e o presidente Ramalho Eanes. Foi a Coimbra, onde recebeu o título de doutor *honoris causa*, na Universidade de Coimbra, tradicional instituição de ensino superior que influenciou grandemente os intelectuais brasileiros de inúmeras gerações, o que Tancredo destacou bem em seus discursos. De volta a Lisboa, é condecorado com a Ordem da Torre e a Espada. No todo, a viagem durou três dias, de 29 a 31 (quando novamente retorna de Madrid a Lisboa) de janeiro. Em Madrid, encontra-se com o Rei Juan Carlos I e Rainha Sofia, além do primeiro-ministro espanhol Felipe González.

O presidente eleito Tancredo Neves, ao lado de sua esposa, dona Risoleta, desembarca na base aérea em Washington, vindo de Nova York em um avião da Força Aérea Americana. O desembarque, fotografado, tornou-se imagem histórica e capa de livro do Ricupero sobre a viagem de Tancredo ao exterior. Nessa viagem a Washington, com pontos importantes a serem destacados, Ricupero teve o cuidado de selecionar fotos de relevância para tornar a passagem de Tancredo nos Estados Unidos mais curiosa e mais próxima do leitor. A passagem por Washington, pelos relatos contidos no livro, pareceu bastante intensa e significativa, dada a importância dos Estados Unidos

no cenário mundial. Tancredo, então, encontra-se com o presidente Ronald Reagan e com o vice-presidente George Bush, pai. Tancredo felicitou Reagan por três aspectos: “A recuperação da economia americana, de que todos nos beneficiamos, a restauração da força moral do Ocidente e sua consagrada reeleição”. Reagan também o cumprimentou e aproveitou para discorrer sobre futuros problemas que a diplomacia brasileira viria a enfrentar. Em seguida às discussões, o Chile entra em pauta, uma vez que Pinochet permanecia no poder. Ricupero observa que, na conversa com o secretário de Estado George Schultz, “Tancredo voltou a comentar, como fizera no *breakfast*, que o poder exerce fascínio quase irresistível sobre os militares na América do Sul (referiu-se à frase do marechal e presidente Castelo Branco de que, na América Latina, os militares só chegam ao poder pela força, só o conservam pela força e só saem pela força)” (p. 164). Houve ainda conversas importantes sobre a dívida externa, FMI, dependência financeira, política da América Latina, em discursos na Organização dos Estados Americanos (OEA) e no National Press Club. Tancredo, em conversa com Bush, insiste novamente no tema da Teologia da Libertação, de modo que, segundo Ricupero, o presidente mostrou-se muito conservador, mais do que ele imaginava, pois tinha de agradecer, no seu diálogo, a americanos republicanos. Diz Ricupero sobre Tancredo:

Sobre a Teologia da Libertação, referiu, pela segunda vez, que o papa lhe manifestara preocupação com o tema. De acordo com Tancredo, trata-se de elucubração de intelectuais, sem ressonância no povo. Deixada a si mesma, a Teologia da Libertação passará como outras modas. O erro seria reprimi-la. As comunidades de base na hora de votar seguiriam a orientação das lideranças tradicionais, as únicas que podem conseguir empregos, distribuir verbas etc. Os padres e bispos progressistas em sua maioria nem seriam brasileiros, mas viriam da França e da Itália. Tudo isso, é claro, não provocou nenhuma objeção da parte dos anfitriões. (p. 179)

Na sequência, reuniões, entrevistas com Alden Clausen, presidente do Banco Mundial, e com Antônio Ortiz Mena, presidente do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID).

De 3 a 5 de fevereiro, Tancredo passa pelo México. Na ocasião, encontra-se com o presidente Miguel de la Madrid e com o chanceler Bernardo Sepúlveda. No México, concede entrevista coletiva, participa de reunião no palácio presidencial com brasileiro – entre eles, Rubens Ricupero – e os mexicanos.

De 6 a 7, em Buenos Aires, trava contatos com o presidente da Argentina, Raul Alfonsín. Na ocasião, conhece o escritor Jorge Luis Borges. Alfonsín manifestou sua alegria com a vitória de Tancredo: “Abrindo a conversa, Alfonsín disse que a Argentina recebera com alegria a vitória de Tancredo, a que atribuía significado continental” (p. 217). Discutiram, entre outros temas, a questão da soberania das Malvinas, querela entre ingleses e argentinos – problema, que, curiosamente, volta à agenda de discussões nos dias de hoje, mostrando a atualidade de temas tratados em 1985.

A atração realmente foi Jorge Luis Borges, “está completamente cego e é acompanhado por uma jovem secretária de nome asiático, com quem viria a se casar em 1986,

Maria Kodama. Com 84 anos, parece relativamente bem, come com certo apetite embora evite carne e alguns tipos de alimentos. Adota às vezes um tom algo cínico e provocativo” – salienta Ricupero, que conversou bastante com o escritor, sobre diversos temas culturais e históricos. A volta ao Brasil, com escala em Lima (Peru), marca o fim das viagens de Tancredo. Em Lima, encontra-se com o presidente Belaúnde Terry. Na viagem de volta, portanto, Ricupero descreve as impressões de Tancredo a respeito da passagem pela Argentina, sobretudo o encontro com Borges, ao ser questionado sobre sua crença na Argentina democrática:

[...] respondeu-me que tinha alguma fé, sim, mas não muita. Evocamos então a autodefinição de Albert Schweitzer: “Pessimista no conhecimento, otimista na esperança e na ação”. Borges lembrou que havia sido Voltaire quem inventara a palavra “otimista” para ridicularizar Leibniz e sua afirmação de que vivíamos no melhor dos mundos possíveis”. (p. 237)

A viagem, portanto, não terminou com grandes discussões sobre política externa, mas, no almoço, na Argentina, com momentos de poesia, e vida do espírito, ao ouvir as palavras e conversar com o Borges.

Em seus discursos, em lugares diferentes – Assembleia Nacional de Portugal; banquete oferecido por Mário Soares; cerimônia na Universidade de Coimbra; e recepção no Conselho da Organização dos Estados Americanos (OEA) –, Tancredo mostrou-se um verdadeiro orador e articulador de ideias. Pronto em algumas questões e, às vezes, um pouco equivocado em outras, conduziu bem todos os discursos, arrancando aplausos de todos. Em alguns discursos, chegou a afirmar – como, por exemplo, na Assembleia Nacional de Portugal – que:

A reconquista da democracia no Brasil não foi uma liberdade. Ela nos custou trabalho, ela nos custou sacrifício, ela nos custou um profundo empenho humano. Mas valeu a pena a luta, porque dela ficou para sempre gravada na consciência do povo brasileiro a certeza de que não vale a pena viver a não ser na plenitude dos valores democráticos e de que a Nação que não sabe preservar os valores da dignidade humana não é digna de existir na face da Terra. (p. 261)

No discurso proferido no Banquete no Palácio de Cintra, Tancredo mostra sua profunda preocupação social, sua visão realista dos problemas que atrapalham o desenvolvimento integral do Brasil:

De que nos vale sermos a 10ª nação do mundo em termos de produto interno bruto se somos a 84ª nação do mundo em termos de renda *per capita*? De que nos adianta termos alcançado um processo de desenvolvimento econômico dos mais excepcionais, se nós não conseguimos redimir o nosso povo, na sua grande maioria, da fome, da enfermidade, e da miséria e da injustiça social? Este é, sem dúvida, o mais trágico e o mais tremendo dos desafios – que nós seríamos levados ao desânimo – se nós não confiássemos no nosso povo, não acreditássemos nas reservas do Brasil e não estivéssemos no firme e deliberado propósito de não ceder às injunções de uma ordem social adversa. (p. 268)

Nas conferências de imprensa, podem-se destacar diversos aspectos. Em relação à forma, Ricupero lista as conferências e as entrevistas do presidente eleito, as quais seguramente interessam aos estudiosos da evolução do jornalismo político: há meios de comunicação que, hoje em dia, já não mais existem. Também é motivo para pesquisa a repetição de temas de relevância no governo de um país; a tendência jornalística desse período; os entrevistadores; as corporações nacionais e internacionais que cobriram e acompanharam os passos de Tancredo Neves pelo exterior. Quanto ao conteúdo, os temas das perguntas e as tentativas de resposta ainda permanecem no século XXI. Em uma das conferências de imprensa, Tancredo responde sobre partidos oposicionistas: “Acho que a democracia não prescinde dos partidos de oposição. Devemos ter partidos de oposição no Brasil. Apenas desejamos que não seja a oposição subversiva, que seja uma oposição responsável, seja uma oposição construtiva e, sobretudo, esclarecida [...]” (p. 340). E, logo em seguida, ao responder uma questão da Rádio Gazeta (SP) sobre a imagem do Brasil, responde da seguinte forma: “Agora, todo o nosso empenho em termos internacionais é fazer do Brasil um instrumento de cultura, de civilização a serviço do Direito e da Justiça internacionais” (p. 343). A última resposta de Tancredo foi ao jornalista Mota Neto (Correio Brasiliense), sobre os critérios e os resultados dos encontros com os chefes de Estado, até agora visitados. A resposta de Tancredo, em síntese foi esta: “Eu não tenho dúvida nenhuma que por onde eu passo, desde o Vaticano até agora aqui no México - eu já tive contato com mais de 13 chefes de estado - antes de qualquer conversa por mim iniciada, eles se congratulam comigo pela reimplantação de um sistema de governo democrático no Brasil” (p. 373).

No capítulo intitulado “Artigos”, Celso Lafer faz uma interessante análise da viagem presidencial de Tancredo ao exterior. E, em um segundo artigo, discorre sobre a figura de Tancredo, sua personalidade, sua visão política e a coerência na vida pública. No primeiro, no entanto, Lafer cunha a expressão “momento presidencial” de Tancredo Neves, uma vez que não tomou posse como presidente, pois falecera antes. Reforça: “A sua viagem ao exterior teve, por isso mesmo, uma inequívoca conotação diplomática, que foi a de dar conhecimento ao mundo de uma mudança” (p. 379). Tancredo soube, na opinião de Lafer, conduzir a transição brasileira, conseguiu perceber que a democracia no plano interno estava intimamente ligada, com conseqüências no plano internacional. “Com efeito” - afirma Lafer -, “a democracia é uma maneira de organizar o estado e a sociedade que tem como pressuposto, *inter alia*, o respeito pelo outro, a tolerância, o princípio da legalidade, o controle e a responsabilidade do poder, a busca do compromisso, o princípio da maioria” (p. 380). Sérgio Danese trata de um “anônimo na Nova República” e das “viagens internacionais dos presidentes eleitos”. No primeiro artigo, mostra a sua participação na redemocratização do Brasil, como diplomata (segundo secretário), sua ligação com Rubens Ricupero. Conta sua trajetória na vida no Itamaraty, mas como anônimo, pois teve uma importância imensa na viagem presidencial, na redação de textos, na reflexão de temas importantes de negociações entre países, na elaboração de discursos pronunciados por Tancredo, na elaboração de

questões hipotéticas que poderiam surgir da parte da imprensa, questionando o presidente eleito e as possíveis respostas a serem encaminhadas por Tancredo - questões do tipo: "Qual será a política externa do seu governo?"; "Democracia e política externa"; "Relações com Cuba", entre outras. No segundo artigo, faz um breve histórico analítico das principais viagens internacionais dos presidentes, ressaltando a natureza, funcionalidade e o caráter de pré-estreia do mandatário.

Produto natural da prática de uma longa transição entre a eleição e a posse do novo presidente, as viagens do presidente eleito no Brasil obedeceram em geral a um ou mais objetivos práticos, vários deles de relevo para a diplomacia: fazer gestos de cortesia para algumas capitais, apresentar planos de governo aos principais parceiros do país [...]. Ao longo da história diplomática brasileira, essas viagens ganharam o caráter, hoje consagrado, de uma prática natural, bem-aceita internamente e em geral muito bem-recebida pelos parceiros contemplados no roteiro de visitas. O próprio Brasil, aliás, tem também uma longa e cada vez mais intensa prática de receber visitas de presidentes eleitos, sobretudo de países vizinhos". (p. 418)

Andréia Neves da Cunha, neta de Tancredo, no artigo "Vovô Tancredo, o Encanto Possível", conta com sinceridade e ternura como foi estar ao lado de Tancredo - presidente e avô -, o sempre bem-humorado e atencioso homem. Resgata as melhores lembranças que mostram seu avô como homem de família, com seus problemas e alegrias, com sua dedicação à vida pública e à familiar. Finalizando o capítulo, José Serra escreve o artigo "Vida Longa à Nova República", no qual procura mostrar a trajetória histórica que converge na consolidação da redemocratização ou Nova República, bem como destaca os nomes de figuras importantes que contribuíram na formação desta história.

O Brasil de hoje tem a cara e o espírito dos fundadores da Nova República: senso de equilíbrio e moderação construtiva na edificação de novo pacto social e político; apego à democracia, à liberdade (mesmo sendo a liberdade um tema controvertido na atual democracia) e à tolerância; paixão infatigável pela promoção dos pobres e excluídos, pela eliminação da pobreza e pela redução da desigualdade. (p. 432)

Em "Outros Temas", último e lacônico capítulo, Ricupero mostra temas de conversas na casa do dr. Francisco Dornelles, em almoço e, por fim, a carta de Tancredo a Mitterrand, com tom de agradecimentos por sua passagem pela França e pelo cordial contato que ambos tiveram, bem como o comunicado de um presente - peça de artesanato de estanho produzida na cidade natal de Tancredo, São João del Rey - de dona Risoleta à esposa do então presidente da França.

O leitor, sem dúvida, ao ler a obra, poderá perceber a seriedade dos temas, a qualidade da análise elaborada do "momento presidencial" de Tancredo (como disse Celso Lafer) e, ainda, conhecer de certa maneira a personalidade do presidente eleito, naquele momento crucial de mudanças sociais e políticas no Brasil. Poderá acompanhar toda a agitação e o trabalho das questões de política externa, sua importância e significado para a constituição de um governo democrático. *Diário de Bordo: A Viagem Presidencial de Tancredo*, portanto, é um excelente livro, de agradável leitura.